

APROXIMAÇÃO ÀS ANÁLISES DE *XENTE D'A ALDEA*. *VERSOS GALLEGOS* DE ALFREDO GUISADO

Carlos Pazos Justo

Grupo GALABRA – Universidade do Minho

Resumo: O presente estudo visa analisar o tratamento dado ao texto literário de Alfredo Guisado (1891-1975) *Xente d'a Aldea. Versos Galegos* (1921) nos discursos produzidos desde os campos académicos português e galego.

Interessa-nos aqui pôr em destaque as diferentes interpretações e como estas se relacionam com o produtor em foco e as relações entre grupos e agentes do Proto-Sistema Cultural Galego e o Sistema Cultural Português; assim como a posição outorgada a este produto literário dentro da sua produção.

Palavras-chave: Alfredo Guisado, sistema, literatura portuguesa, literatura galega.

Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes (1891-1975) interveio no campo literário português¹ com a publicação de vários livros de poemas: *Rimas da Noite e da Tristeza*, 1913; *Distância*, 1914; *Elogio da Paisagem*, 1915; *As Treze Baladas das Mãos Frias*, 1916; *Mais Alto*, 1917; *Ánfora*, 1918; *A lenda do Rei Boneco*, 1920; *As Cinco Chagas de Cristo*, 1927; já finado o autor, José António Fernandes Camelo editou poemas inéditos sob o título *Tempo de Orpheu II* (1996), na sequência do volume de reunião *Tempo de Orfeu*, com estudo de Urbano Tavares Rodrigues de 1969. No entanto, será a sua participação no primeiro número da revista *Orpheu*, com treze sonetos ao lado de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro, entre outros, o ponto que assegura a posição, não central, de Alfredo Guisado no sistema literário português. Paralelamente ocupou posições de destaque dentro do campo do poder, exercendo mesmo cargos políticos no contexto político da República anterior a 1926.

Mas o nosso interesse aqui centra-se no livro de poemas *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos* (doravante *Xente*), publicado em Lisboa em 1921. Interessa-nos particularmente o tratamento dado a este texto nos sistemas literários português e galego. Lembre-se, neste sentido, que *Xente* apresenta características repertoriais que, como veremos, o distancia do resto da obra literária; sinteticamente: o produtor pratica uma aproximação dos produtos literários centrais no emergente Proto-sistema literário galego coetâneo, nomeadamente na utilização da língua e dos modelos de construção próprios deste.

1. Utilizaremos, ao longo deste estudo, os contributos metodológicos do Professor Itamar Even-Zohar (1999) e algumas noções teóricas, como *campo literário*, de Pierre Bourdieu (2004 [1991]).

A maioria das abordagens consultadas sobre a produção literária guisadiana coincidem em destacar a falta de atenção que teve e tem dentro dos estudos literários, tanto na Galiza como em Portugal. De facto, as palavras de Óscar Lopes, segundo as quais “o mais injustamente esquecido dos poetas do *Orpheu* é Alfredo Pedro Guisado” (Lopes, 1987 [1973]: 598), aparecem frequentemente citadas nos trabalhos consultados. Note-se que esta afirmação de Óscar Lopes chama a atenção ao repararmos que na sua *História da literatura portuguesa* (17 ed.), no Capítulo III, “Geração de ‘Orpheu’”, concretamente nas páginas dedicadas a Mário de Sá-Carneiro, apenas se indica do autor que: “aproxima o decadentismo da alegoria ou de uma saudade rural luso-galega”², dando notícia apenas dos textos recolhidos no volume *Tempo de Orfeu* de 1969. Sobre *Xente*, Óscar Lopes em *Entre Fialbo e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, trabalho que, no seu todo, parece tratar-se de uma reciclagem da análise de *História Ilustrada da Literatura Portuguesa* de 1973, referirá “Lêem-se com agrado totalmente novo os ‘Versos Galegos’”, estabelecendo uma diferenciação com o resto da produção guisadiana. Para Carlos Seabra Pereira (1976: 82) ao consumir *Xente*, “nos sentimos internados numa intenção de simplicidade oposta ao esteticismo precedente” e destaca o “despojamento estilístico” e a “transparência ideológica”, que em refundição de trabalhos publicados em 1979 reformulou em “inocência ideo-tématica”. No *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* coordenado por Eugénio Lisboa (1994), afirma-se que “À parte, porque de características muito específicas, deverá ser considerado *Xente d’a Aldea*” para mais à frente citar a análise de Óscar Lopes de 1973 (vid. *supra*).

Maria Aliete Galhoz, no seu estudo “‘Xente d’a aldea. Versos gallegos’ de Alfredo Pedro Guisado poeta de ‘Orpheu’. Algumas notas” (Galhoz, 1995), afirma que *Xente d’a Aldea* é:

Tão diferente da “língua poética” (não refiro, nisto, o ser em português e o ser em galego) das publicações do tempo do *Orpheu* (no auge do bom poeta e artífice das suas poesias), Alfredo Pedro Guisado em *Xente d’a Aldea* prende-nos com a nobreza de uma simplicidade obedecida e de que na maioria dos poemas é bom cume o atingido.

Dois comentários: repare-se no cuidado posto no momento de distinguir entre “português” e “galego” e na afirmação de que o “bom poeta e artífice” se situa no tempo em que o autor integrou *Orpheu*³. Para Eloísa Álvarez, no

2. Repare-se, todavia, em: “A sua obra não nos traz uma concepção de vida tão densamente original como a de Pessoa, nem mesmo rasgos como os das melhores poesias de Sá-Carneiro” (Lopes, 1987 [1973]: 598).

3. Todavia, esta autora faz referência ao poema “Duas Terras” como elo de ligação entre *Xente* e a restante produção.

artigo “Estudo de *Xente d'Aldea*”, publicado no livro de homenagem *Alfredo Guisado Cidadão de Lisboa* (2002: 183):

Que Alfredo Pedro Guisado publique em 1921 *Xente d'Aldea*, um poemário em língua galega, e cingido a uma temática galega e galeguista, surpreende se considerarmos que se trata de um dos integrantes do *modernismo* português.

A investigadora adjectiva o texto guisadiano de “raridade bibliográfica” e destaca o facto de só ser reeditado setenta e cinco anos após a sua publicação (*id.*: 201), em referência ao volume *Alfredo Guisado Cidadão de Lisboa* onde se insere o seu trabalho.

Issac Alonso Estravis, no artigo “Un poeta galego descoñecido”, publicado na revista *Grial* em 1980, não duvida em afirmar que: “A sua obra mais abundante e importante é a poética. E dentro desta muito superior o escrito em português do escrito em galego”. O mesmo artigo é reproduzido mais três vezes com pequenas mas relevantes alterações, assim na última reprodução no volume *Alfredo Guisado Cidadão de Lisboa*, já citado, a diferenciação estabelece-se entre a produção na “variante galega” e a “variante portuguesa”. Da mesma opinião parece Xosé Luís Méndez Ferrín quando afirma num artigo recentemente publicado em *Faro de Vigo* (18-Junho-2005) sobre *Xente*. “esteticamente digno ainda que inferior á súa obra portuguesa principal”.

Apolinário Lourenço (2003: XL) estabelece também uma fronteira na obra guisadiana ao afirmar:

Quando se pensa que, salvo os poemas juvenis, a obra de Guisado apresenta a uniformidade como traço fundamental, esquece-se que ele foi também poeta em língua galega, tendo publicado em 1921, em Lisboa, um livro que é, em vários aspectos esteticamente antagónico da sua restante produção em verso.

E mais à frente:

O esteticismo páulico da poesia em português de Guisado é portanto substituído, na grande maioria dos poemas, por uma linguagem directa, denotativa, popular (*ibidem*).

Destaca, noutras abordagens da produção literária guisadiana, a ausência de *Xente*, ou a quase inexistência de comentários. No *Dicionário de Literatura* de Jacinto Prado Coelho (1981) apenas aparece o nome do autor como membro do *Orpheu*, sem qualquer menção a *Xente*. Gaspar Simões na sua *História da poesia portuguesa* (1959) refere a existência de *Xente*, mas não introduz nenhum comentário. O mesmo acontece no *Dicionário de Literatura portuguesa* (1996) de Álvaro Manuel Machado, onde é referida a “ascendência galega” do autor, mas

não há qualquer referência a *Xente*. Mais significativa é a resenha a *Tempo de Orfeu*, 1969, de Landeira Yrago (1972): “Alfredo Guisado e o seu ‘Tempo de Orfeu’”, publicada em *Grial*, onde Alfredo Guisado é descrito como um “autêntico poeta de ramo carnal galego chantado en Lisboa”, sem sequer citar o texto sobre o qual nos debruçamos.

Neste sentido, parecem-nos relevantes para o campo literário galego as palavras de Eloísa Álvarez (2002: 185): “Quanto ao mundo editorial galego, Guisado tem sido pouco mais do que um ilustre desconhecido [...] Quanto às Histórias da Literatura Galega, nem sequer é mencionado”. Da mesma opinião é Xosé Manuel Dasilva (2005: 124), no texto “Reivindicación de Alfredo Pedro Guisado, poeta portugués e galego”, aparecido recentemente na revista *Grial*, onde resenha o *Tempo de Orfeu* de 2003, quando refere: “Ningún manual de literatura recolle o seu nome nin tan sequera para facer unha referencia mínima á obra que escribiu en galego”. Com efeito, nas nossas pesquisas não encontramos qualquer referência ao Guisado de *Xente* neste tipo de publicações na Galiza. Chama a atenção também que a *Enciclopedia Galega Universal* da editora Ir Indo (1999) dedique nove linhas a Alfredo Guisado, cite o texto entre outras obras mas não introduza qualquer comentário.

Menção à parte, no que respeita à relação de *Xente* com o resto da produção guisadiana, merecem duas análises. Por um lado, em “Alfredo Guisado. Subsídios para umha discussom heteronímica”, Barro Paz e Martínez Pereiro (1989: 502), em função da escolha linguística e da “opçom estética”, concluem:

Para nós [...] todo parece indicar que, quando menos, a heteronímia (como reflexo dunha dupla concepción do papel da cultura da literatura em dous contextos sociais diferenciados) está presente na obra do imerecidamente esquecido autor de *Xente d'a Aldea*.

Na resenha anteriormente citada de Xosé Manuel Dasilva (2005: 125), descartando a existência de heteronímia, a abordagem da relação entre *Xente* e a restante obra literária é singularmente diferente das que temos visto. Para este autor, a escolha linguística em *Xente* apresenta duas possíveis análises:

o único libro en galego de Guisado sobre todo moverase entre o costumismo e a reivindicación cívica, conectando desta maneira coa tradición literaria galega e, asemade, desprezando calquera posibilidade de aplicar os principios estéticos do vangardismo cando se trataba de facer poesía na nosa lingua.

É difícil determinar, na verdade, se esta actitude idiomática mostrada por Guisado respondería a unha mentalidade diglósica perante o que se debía crear ou non en galego ou se, pola contra, se trata máis ben dunha concepción non tan

discriminatoria que tiña en Galicia naqueles anos non poucos partidarios, os cales defendían a inconveniencia do experimentalismo das vangardas para un sistema literario tan feble coma o noso. Quizais parece que sexa máis esta última hipótese a correcta⁴.

À hora de explicar e fundamentar *Xente* dentro do campo literário, a maior parte dos estudos parciais producidos no campo académico portugués apenas recorrem à ascendência galega do autor e ao seu “amor à Galiza”, nomeadamente em trabalhos anteriores ao artigo de Estravis na revista *Grial* de 1980. Este enfoque é particularmente óbvio em Óscar Lopes (1987 [1973]); para este autor em *Xente*:

Guisado chama a si toda a ternura da sua ancestralidade galega; tira belo partido do sabor tão doce dessa versão arcaizante da nossa língua que se fala nas aldeias para além Minho, com os seus meigos diminutivos [...]. A evocação da terra, paisagem e tipos ressalta em pequenos quadros dialogados de costumes, deliciosos de autenticidade, e a que nem mesmo falta a nota discretamente heróica de uma resistência à absorção castelhanizante e sobretudo à exploração social.

Ou, por exemplo, no artigo de João de Rui De Sousa (1991: 74) lemos:

Permanecendo muito ligado às suas origens familiares, eram frequentíssimas as suas deslocações à Galiza, onde tinha casa e onde passava largas temporadas. Essa vivência ‘galaica’, já bastante visível na correspondência que os escritores órficos trocavam entre si [...] ainda se patenteava nos tempos, precisamente em 1969, em que preparava a edição do seu *Tempo de Orfeu*. Não menos sintomático dessa vivência é ainda o facto de um dos seus livros *Xente d'a Aldea* ter sido escrito em língua galega e repercutir, de toda a evidência, a atmosfera rural da Galiza.

Ao suposto “amor à Galiza” recorrem também Seabra Pereira, que no seu estudo de 1976 não introduz qualquer comentário ao modelo linguístico de *Xente*, e o estudo introdutório de Urbano Tavares Rodrigues em *Tempo de Orfeu* de 1969.

Será no contexto do campo académico galego, desde a publicação do artigo de Estravis, que se afirma que o autor em foco era um “Grande amigo do grupo Nós” (1980: 349) e, ainda recorrendo ao suposto “amor a Galiza” do

4. E continúa: “pois débese ter en conta que Guisado foi criticado duramente [?] en círculos portugueses por botar man algunha vez do galego para unha poesía de ton máis elevado, como o xénero sonetístico, diferente da liña popular predominante en *Xente d'a Aldea*.” A alusão de Xosé Manuel Dasilva às críticas motivadas pela escolha linguística aparecen referenciadas unicamente no artigo de Lúcio Vidal “Alfredo Guisado, Poeta Galego-Portugués” (1984: 32), no qual apenas aparece registado um caso (o mesmo ao que alude Dasilva mais à frente), porém sem explicitar a existência de mais críticas pejorativas a respeito da opção linguística de Alfredo Guisado.

autor, onde é introduzida a relação de Alfredo Guisado com agentes do Proto-Sistema Cultural Galego, nomeadamente a ligação com Castela (autor da capa do livro e destinatário da dedicatória). Assim, por exemplo, Lúcio Vidal, no seu artigo “Alfredo Guisado, poeta galego-português”, publicado em *Grial* (1984: 31), assegura:

Alfredo Guisado, antes de escrever versos em galego, teve contactos em Lisboa com António Villar Ponte e deste e de Castela recebia notícias do renascimento literário galego e do ‘galeguismo’ (p. 31)⁵.

Mas será José António Fernandes Camelo com o seu estudo, ilustrativo já no título, “Do galeguismo de Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes”, publicado em *Agália* (1985), quem tentará desentranhar as relações do autor com agentes do campo literário/cultural galego. Para Fernandes Camelo (1985: 191), Alfredo Guisado foi, em Portugal, “o grande difusor dos nacionalistas galegos, do Renascimento literário galego e do ‘Galeguismo’”. No artigo, Fernandes Camelo transcreve também um outro texto “em galego”: o conto “A Lareira – o Tio Xan”, publicado no jornal de Pontareas *El Tea*, pensamos que em 1921, próximo repertorialmente das teses do movimento galeguista da altura. Curiosamente, este outro texto galego não aparece referenciado em mais nenhum trabalho.

Se o “amor a Galiza” e o “galeguismo” de Guisado contribuem para explicar, compreender, a tomada de posição de Alfredo Guisado com *Xente*, *Xente* também serve para exemplificar, como se dizia na revista *Nós* no ano 1922, muito provavelmente da mão de Vicente Risco:

esa ânsia de reintegración qu’aló en Portugal igoal qu’eiquí se sinte, [e mais à frente] Alfredo P. G., pol-a sua vida e obra, é particularmente doado pra espresar no seu verbe isa arela da restauración da cultura galaico-portuguesa dos Canzoneiros e dos libros de Cabaleirías (*Nós*, 3/01/1922)⁶.

5. No entanto, o autor pergunta-se “Poderia Alfredo Guisado ter imprimido alguma tonalidade política, embora de mera cooperação democrática, ao relacionamento galego-português, de acento predominantemente cultural (e quase confinado às questões literárias, linguísticas e históricas)? Cremos que não” (Vidal, 1984: 39).

6. Cfr. Juvenal Esteves (1991: 215): “No mesmo âmbito, importa ainda referir a sua atitude em relação à sonhada união da Galiza a Portugal, com renovadas oportunidades nas crises políticas, que se desfazem com a própria evolução destes fenómenos episódicos. As afirmações do momento são de carácter apologético, não acompanhadas de corrente literária autêntica. Registam-se casos isolados de portugueses a escrever em galego, como sucedeu com Alfredo Guisado em *Xente d’a Alda* (1921), não essencialmente galaico mas político-reconstrutivo, conforme a época de Castela, e o posterior alegorismo de M. Manuela Couto Viana em *Franta Lancana* (1964). Mas esses casos, e ainda os ocasionais de J. Leite de Vasconcelos (*Galícia*, 1902) e João Verde (*Ans da Raia*, 1902), não encontraram receptividade na Galiza”.

Neste sentido, Alonso Estravis, na última publicação do seu artigo “Um poeta galego desconhecido” (2002; vinte e três anos depois da primeira publicação do artigo Alfredo Guisado continua a ser um “desconhecido”), afirma: “Como filho de galegos nascido em Lisboa, vive com intensidade a ideia de unidade entre Galiza e Portugal”. Introduce um comentário final em que fala da “trágica divisão de um povo em duas partes: Galiza e Portugal, faz renascer constantemente a saudade de uma futura união” (p. 178), acabando o texto com o seguinte apelo:

Oxalá que a aproximação cada día maior entre portugueses e o mútuo conhecimento que se está a levar a cabo, faça que um día não muito afastado esses sentimentos e desejos [de união] sejam uma gloriosa realidade. Seria a melhor homenagem que lhe poderíamos render a todos eles! [aos escritores] (p. 178).

Para Eloísa Álvarez (2002: 201), muito próxima das análises de Alonso Estravis, em *Xente* aparece uma “representação do povo galaico-português como etnia única, ligada por uma fenomenologia da saudade sentida como expressão cultural comum” própria, segundo a autora, daquela “época fulcral do desejo de uma virtual irmandade cultural entre Galiza e Portugal”⁷.

Dobarro Paz e Martínez Pereiro (1989: 502) ressaltam também o facto de Alfredo Guisado ser:

um autor que introduz na nossa literatura, como elemento poético-temático novidoso a ‘unión da Galiza e Portugal’ que já fora tratado teoricamente por galegos como Vilhar Ponte, Viqueira ou Risco.

Neste sentido, destacam-se as análises que põem em causa o modelo linguístico escolhido por Alfredo Guisado. Já n’*A Nosa Terra* em 1921 lemos “nos layamos de que o querido amigo Alfredo ande a ceibar às veces certos castelanismos e vocábulos falsos que nin no portugués nin no galego s’empregan”. Análise parecida aparece em Estravis (2002: 178):

7. Neste sentido, as seguintes palabras da autora parecen-nos esclarecedoras: “Só que três anos depois de ter conseguido uma voz pessoal integrada no Modernismo, o poeta responde ao apelo de umas raíces que aninhavam na alma e escreve na língua materna um livro que é uma confissão de amor à terra, à cultura, à sentida voz do povo galego e à sua luta por uma identidade desde sempre ameaçada polo centralismo que, arrancando de tempos longínquos, conheceu a pressão da política unificadora dos Reis Católicos empenhados na construção desse paradigma utópico que se quis chamar Espanha. Que recebeu o reforço da centralista mentalidade gala própria da monarquia borbónica, que sentiu a hegemónica entronização histórico-cultural de Castela feita pela Geração do 98 e que se viu submersa na longa noite de pedra do castrador franquismo” (Álvarez, 2002: 201).

De um escritor português que se decide pelo galego, podia-se esperar um galego mais escolhido, mais nobre, sem castelhanismos nem ruralismos.

Por último, merece a nossa atenção um assunto, não menos importante mas que simplesmente iremos esboçar, relacionado com o sistema literário a que pertence, segundo os estudos focados, o texto guisadiano. De uma maneira geral afirmamos que os estudos analisados não se pronunciam directamente sobre o tema⁸. No entanto, verificamos que os trabalhos produzidos no campo literário galego tendencialmente incluem *Xente* dentro do sistema literário galego. Assim, por exemplo, Estravis no seu artigo fala de um “poeta galego desconhecido”. Já em 1921, n.º *A Nosa Terra*, podíamos ler: Alfredo Guisado “ten conquerido por direito propio un posto honoroso no Parnaso galego”. Dobarro Paz e Martínez Pereiro distinguem entre “obra galega” e “obra portuguesa”, mas será Xosé Manuel Dasilva (2005: 124) quem irá mais longe, pois, segundo as suas palavras, Alfredo Guisado “atesoura méritos abondos para entrar a forma [sic] parte da nosa nómina de escritores” ou “faise necesario reclamar de novo que o seu nome se inclua definitivamente na nosa historia literária” (2005: 125).

Concluindo, e muito sinteticamente, *Xente* ocupa um lugar não central dentro da produção literária de Alfredo Guisado nos estudos literários portugueses, verificando-se nas abordagens da produção de Alfredo Guisado a sua ausência ou análises repetitivas, e a invocação ao “amor a Galiza” e a ascendência galega do produtor como os elementos explicativos do texto, numa lógica de causa-efeito. No campo académico galego, *Xente*, ausente das Histórias da literatura, ou de textos nos quais é referenciado o produtor, é tratado pontualmente em estudos que visam introduzir produto e produtor no campo literário galego, na maioria dos trabalhos não por um critério estético, mas pelo suposto “amor a Galiza” e da “galegidade” de que é expressão; mas também em três dos estudos analisados, *Xente* é abordado em função do poder de exemplificação em favor das teses dos agentes do campo literário/cultural galego empenhados numa maior aproximação linguística e cultural entre a Galiza e Portugal.

8. Para M. Aliete Galhoz (1995: 230), “*Xente d’a Aldeia* é um livro interessado, firme, irmanado e estrutural, formalmente realizado *de dentro*, isto é, possuidor do léxico e dos metros e ritmos tradicionais (muñeira com cesura, quarteta em redondilha, a série em tercinas), modela os versos e as composições com ductilidade, mas com uma contensão muito mais sóbria que nos seus livros anteriores.”

Para Apolinário Lourenço (2003: XII), os “poemas galegos” de Alfredo Guisado “estão ideologicamente muito próximos dos textos mais representativos do *Recordamento*”.

BIBLIOGRAFIA

- ÁLVAREZ, E. (2002): "Estudo de Xente d'a Aldea", in VV.AA: *Alfredo Guisado Cidadão de Lisboa*. Lisboa, Livros Horizonte, pp. 181-211.
- ANT, 1/06/1921, p. 6 [Secção "Follas Novas. Libros e Revistas"].
- BOURDIEU, P. (2004 [1991]): *O campo literario*, Ames, Laiovento.
- CAMELO, J. A. (1985): "Do galeguismo de APG ou Pedro de Menezes" in *Agália*, 2, pp. 191-196.
- CAMELO, J. A. (1996): "Evocando Alfredo Guisado" in Alfredo Guisado: *Tempo de Orpheu II*, Santiago de Compostela, Laiovento, pp. 7-12 [Est. Intro.].
- COELHO, J. (1981): *Dicionário de literatura*, 3ª ed., vol. II, Porto, Figueirinhas.
- DASILVA, X. M. (2005): "Reivindicación de Alfredo Pedro Guisado, poeta portugués e galego", in *Grial*, 165, pp. 124-126.
- DOBARRO PAZ, X. M. e MARTÍNEZ PEREIRO, C. P. (1989): "Alfredo Guisado. Subsídios para umha discussom heteronímica", in *Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, A Corunha, Associação Galega da Língua, pp. 499-503.
- ENCICLOPEDIA GALEGA UNIVERSAL (1999), s. v. "Guisado", VOL. 10, Ir Indo.
- ESTEVES, J. (1991): "Alfredo Guisado: Arte e Cidadania" in *Colóquio/Letras*, 121/122, pp. 210-217.
- ESTRAVIS, I. (1980): "Un poeta galego descoñecido" in *Grial*, 69, pp. 349-353.
- ESTRAVIS, I. (s/d): *Gran Enciclopedia Galega*, T. XVII, pp. 27-28.
- ESTRAVIS, I. (1987): "Um poeta galego desconhecido", in Isaac Alonso Estravís (1987): *Estudos Filológicos Galegoportugueses*, Madrid, Alhena, pp. 193-204.
- ESTRAVIS, I. (2002): "Um poeta galego desconhecido", in VV. AA: *Alfredo Guisado: Cidadão de Lisboa*. Lisboa, Livros Horizonte, pp. 171-179.
- EVEN-ZOHAR, I. (1999): "Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la Teoría de los Polisistemas" [1997], in Iglesias Santos, Monserrat [Est. intr. comp. de textos e bibl.]: *Teoría de los Polisistemas*. Madrid, Arco/Libros, S.L., pp. 23-52.
- GALHOZ, M. (1995): "'Xente d'a Aldea, versos gallegos' de Alfredo Pedro Guisado. Poeta de 'Orpheu'", in *Colóquio/Letras*, 137/138, vol. II, pp. 226-233.
- GUISADO, A. (1970): *Tempo de Orfeu*, Lisboa, Portugália [Est. Introd. de Urbano Tavares Rodrigues].

- GUISADO, A. (2002): “Xente d’a Aldea” in VV.AA, *Alfredo Guisado Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 213-248.
- LANDEIRA, X. (1972): “Alfredo Guisado e o seu “Tempo de Orfeu”” in *Grial*, 36, pp. 240-241.
- LISBOA, E. (coord.) (1994): *Dicionário cronológico de autores portugueses*, vol. III, s/l, Europa-América.
- LOPES, Ó. (1987 [1973]): *Entre Fialbo e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, Maia, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 598-601
- LOPES, Ó. e SARAIVA, J. A. (1996⁷): *História da literatura portuguesa*, Porto, Porto Editora.
- LOURENÇO, A. (ed.) (2003): *Tempo de Orfeu*, Coimbra, Angelus Novus.
- MACHADO, Á. (org. e dir.) (1996): *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa, Presença.
- MÉNDEZ, X. L. (2005): “X, ESPAZO PARA UN SIGNO” in *Faro de Vigo*, 18/06/2005.
- PEREIRA, J. C. (1976): “Trajectória poética de Alfredo Pedro Guisado” in *Colóquio/Letras*, 33, pp. 79-82.
- PEREIRA, J. C. (1979): “Trajectória estética e temática maior da poesia de Alfredo P. G.” in *Do Fim-de-Século ao Tempo de Orfeu*, Coimbra, Almedina, pp. 161-199.
- RODRIGUES, U. Tavares (1969): “Redescoberta da poesia de A. G.” in *Tempo de Orfeu*, Lisboa, Portugália, pp. IX-XIX.
- RODRIGUES, U. (2002[2000]): “A Postilha Explicativa Aumentada” in VV.AA *Alfredo Guisado: Cidadão de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte pp. 11-12.
- SIMÕES, G. (1959): *História da poesia portuguesa*, s/l, Empresa Nacional de Publicidade
- SOUSA, J. R. de (1991): “No centenário de três poetas de Orpheu Alfredo Guisado, Armando Cortes-Rodrigues e Luís de Montalvor” in *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, Vol. 2, n^o2, pp. 73-84.
- VIDAL, L. (1984): “Alfredo Guisado, poeta galego-portugués” in *Grial*, 83, pp. 29-40.
- “Xente da Aldeã” por Alfredo Pedro Guisado”, in *NÓS*, 3/01/1922.